

uma cápsula do tempo  
em paris  
ella carey

Tradução de Ester Cortegano

*Para David  
e em memória da  
minha mãe*





## Capítulo

### UM



O pacote vinha embrulhado em papel pardo e atado com uma fita de seda que permanecia imaculada. Isto era notável, tendo em conta que fizera a longa viagem entre Paris e Nova Iorque. No topo havia um minúsculo laço, com as pontas cortadas rentes, quase, pensou Cat, como se a pessoa que o embrulhara estivesse a tentar economizar. Os dados do remetente encontravam-se escritos numa desvanecida caneta sépia: *Monsieur Gerard Lapointe, nono arrondissement, Paris*. Cat nunca ouvira falar.

Agitou ligeiramente o embrulho. Qualquer coisa sólida chocalhou lá dentro, mas, quando Cat pegou na tesoura da cozinha, alguém bateu à porta do apartamento. Christian chegara mesmo a horas. Pousou o pacote de Paris na bancada da cozinha, voltou a pegar nele, depois pousou-o de novo e foi abrir a porta.

Christian vinha de fato novo. O cabelo alourado estava penteado para trás com gel, estilo Gatsby.

— Ainda não te mudaste? — Ele olhou para o relógio.

— Preciso de me mudar? — riu Cat.

Christian irrompeu pelo minúsculo apartamento de Brooklyn como se fosse seu dono e, ao mesmo tempo, como se mal pudesse esperar para voltar para o Upper West Side.

— Que tal aquele vestidinho preto que te comprei na semana passada?

Cat ocultou o sorriso quando Christian parou em frente do seu mais

recente tesouro, um xaile *vintage* com padrão de pavão que adquirira numa feira da ladra por uma bagatela. Passara horas a consertar as ínfimas rendas do tecido e a desfazer os nós das franjas antigas. Agora estava aberto sobre o seu sofá vermelho.

Christian parecia estar a conduzir um debate interno quanto a se devia ser educado a respeito do xaile ou não.

— Tive de o salvar. Estava num tal estado de degradação... Bem, se calhar é melhor ir mudar de roupa. — Não havia dúvida de que o vestido preto minimalista se integraria bem melhor no serão que tinha à sua frente do que o fato de calças e casaco verde-pálido da década de quarenta que Cat tinha escolhido. Dirigiu-se para o quarto.

Christian deteve-a, segurando-lhe a mão.

— A Morgan e o Adam é que escolheram, esta noite. O Lemon Tree. Parece que têm um menu novo. Mas... — Ajustou a manga do fato, voltando a olhar de relance para o relógio.

— Vamos chegar a tempo. — Cat enfiou o vestido novo por cima da cabeça. Passou a Christian o fio de prata que ele lhe tinha oferecido no seu trigésimo quarto aniversário, virando-se de costas e erguendo o cabelo cor de mel para o deixar apertar o fecho.

— Adoro ver-te com isto.

Cat virou-se e olhou-o.

— Não te habitues.

— Nunca.

Ela pôs um pouco de perfume nos pulsos.

— Hoje recebi um pequeno pacote muito bonito. Vem de Paris. Estou tão ansiosa por ver o que é.

Christian abriu-lhe a porta.

— Na última vez que estive em Paris, a única coisa que vi foi o interior do banco.

O pacote teria de esperar.

Também não devia ser nada de especial.

O LEMON TREE ESTAVA CHEIO, MAS NÃO HAVIA QUALQUER SENSÇÃO DE agitação no elegante restaurante. Cat conversou com Tash, Alicia e Morgan, todas casadas com os mais antigos amigos de Christian. Tinha a mão pousada na dele sobre a mesa. Cat tentou não pensar no pai e no que ele teria, sem dúvida, para dizer acerca de Christian e dos seus

bem-sucedidos amigos burgueses. Não valia a pena preocupar-se com Howard Jordan naquele momento.

— Parecias distraída esta noite — disse Christian quando saíram do restaurante juntos.

Cat abandonou-se ao familiar conforto do braço dele em volta dos seus ombros, enquanto esperavam por um táxi.

— Sim?

— Divertiste-te, querida?

— Claro.

Cat ficou a olhar as luzes da cidade que passavam por eles do outro lado das janelas embaciadas, até chegarem a Brooklyn.

— Queres subir?

— Tenho de me levantar muito cedo.

Cat deu-lhe um beijo na face.

— Sabes — ele olhou de relance pela janela para a *Vespa* de Cat, estacionada no seu lugar habitual. — Devias livrar-te da *scooter*.

— Não sejas ridículo — riu-se Cat. Fora o seu primeiro investimento, assim que começara a trabalhar.

— É muito perigoso. Por mim, desaparecia amanhã.

CAT DIRIGIU-SE DE IMEDIATO PARA O PACOTE DE PARIS. SÓ TINHA VISITADO França uma vez, uma viagem-furacão logo após a faculdade. O seu tempo em Paris fora breve, mas ela tirara mais de mil fotografias durante a estada. Logo depois, começara o seu trabalho como fotógrafa no mesmo estúdio onde ainda trabalhava. Houvera muitos momentos em que estivera quase para sair, mas sabia que era uma sorte ter um emprego naqueles tempos difíceis, e, sempre que se sentira tentada a largar o pequeno estúdio, o chefe demovera-a com súplicas tão convincentes que ela se resignara a ficar mais um pouco.

A maneira como o laço no pacote fora atado recordou-a do tipo de elegância que a encantara quando estivera em Paris. Voltou a guardar a tesoura na gaveta. Em vez disso, começou a desapertar o elaborado nó da fita pálida com as pontas dos dedos; parecia uma pena estragar a bonita seda.

Passos soaram no patamar à saída do apartamento. Cat parou, o laço meio desatado.

— Querida? — chamou Christian do outro lado da porta fechada.

Cat voltou a pousar o embrulho, lentamente. Sorriu.

— Então, já não tens de te levantar cedo?

Christian dirigiu-se para o armário de bebidas que ela resgatara de uma venda num antigo teatro e serviu-se de um *whisky*.

À UMA DA MANHÃ, CAT ACENDEU O CANDEEIRO DA MESA DE CABECEIRA. Christian saíra há pouco, e, no entanto, ali estava ela, completamente desperta. A adrenalina disparava dardos insidiosos pelo seu organismo, e a sua mente não acalmava. Tentou pensar nas coisas mais aborrecidas de que se conseguiu lembrar, mas nada parecia funcionar. Estava uma encomenda de Paris por abrir na sua cozinha. Tinha de se levantar da cama e ir ver o que era.

O apartamento parecia mais frio do que quando Cat se deitara. Abriu uma cortina e espreitou a rua; o passeio vazio estava coberto de neve. Cat apertou mais o casaco de malha creme à volta do corpo e foi para a cozinha.

Os dedos, apesar de frios, pareciam mais hábeis, com a estranha energia que a possuía naquela noite. Acabou de desatar a fita e passou as pontas dos dedos por baixo da fita castanha que prendia o embrulho. Por baixo, estava uma pequena caixa de cartão.

Uma rajada de vento fez as janelas abanar. Cat estremeceu. Uma chávena de chocolate quente era, definitivamente, necessária, tendo em conta que estava acordada há tanto tempo. Cat atravessou a cozinha, deitou leite numa caçarola. Mexer o leite morno no tacho pareceu acalmá-la um pouco. Partiu dois grossos pedaços de chocolate negro e viu-os derreter no líquido, e depois verteu a deliciosa bebida numa chávena de porcelana azul e branca que tinha pertencido à sua mãe: a sua querida, querida mãe.

Cat estava decidida a viver a vida feliz com que a sua mãe tinha sonhado. Por vezes, tinha de evitar dúvidas sombrias quanto a se queria essa vida pela mãe ou por si mesma. Uma coisa era certa, a mãe de Cat teria sido bem mais feliz com um homem como Christian, em vez de um homem como o seu pai, dominador e dono da verdade, e a quem a mãe, segundo constava, amara desesperadamente quando era nova, apenas para passar o resto da vida a arrepender-se do seu horrível erro.

Relacionamentos difíceis não estavam no vocabulário de Cat.

Bebeu um gole do chocolate celestial, pousou a chávena e ergueu a tampa da caixa de cartão. Estavam duas coisas aninhadas dentro da caixa: uma carta datilografada e uma velha chave de bronze.

Cat dirigiu-se para a sala, sentou-se no sofá, leu a carta uma vez e depois a segunda. Fora escrita numa máquina de escrever. Não fazia qualquer sentido.

O nome completo de Cat estava escrito no alto da página: Catherine Laura Jordan. Por baixo, em letras maiúsculas, estava o nome à volta do qual a carta parecia revolver — o nome da mulher que o pai de Cat desaprovava tão profundamente que ficava roxo quando o ouvia mencionado em casa: Virginia Brooke, a puramente inaceitável avó materna de Cat.

A carta era formal, jurídica e breve. *Monsieur* Lapointe, que era um advogado sediado em Paris, informava que Virginia Brooke era a única herdeira dos bens da recém-falecida Isabelle de Florian. Os mesmos bens, após o falecimento de Virginia Brooke em 1983 e o subsequente falecimento da filha de Virginia, Bonnie Jordan, mãe de Cat, em 2003, eram agora legados inteiramente a Cat.

Cat sabia que a sua avó Virginia viajara sozinha pelo Velho Continente durante vários anos, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, apenas regressando aos Estados Unidos quando a sua família insistiu que a Europa não era segura. Virginia permanecera solteira bem para além do que era costume, dedicando-se a um trabalho menor no distrito dos têxteis em Nova Iorque e gozando da companhia de vários amantes. Casara-se tarde com um homem bem mais velho, o avô de Cat, um professor em Harvard que Virginia, segundo todos os relatos, adorava. Tivera Bonnie, a mãe de Cat, já bem avançada nos quarenta.

Bonnie fora maravilhosamente negligenciada em criança; deixavam-na perambular sozinha pela velha casa de quinta no Connecticut e os seus jardins silvestres, enquanto Virginia e o avô de Cat viviam as suas vidas conforme lhes apetecia.

Em resultado, Bonnie desenvolvera não só uma profunda imaginação como um fascinante tipo de anseio romântico por uma vida real. Fora talvez isso que cativara Howard Jordan, antigo aluno do pai de Bonnie em Harvard. Howard veio a tornar-se um professor de História com estridentes convicções políticas e morais. O seu único objetivo na vida parecia ser moldar Bonnie e Cat em objetos prosaicos, adequados às suas próprias necessidades.

Bonnie nunca mencionara que a sua mãe tinha conhecido uma Isabelle de Florian em Paris. Nem uma única vez. Cat sabia que Virginia frequentara cabarés e bares parisienses durante a era do *jazz*. Dizia-se que ela participara em todos os tipos de loucas expedições, tanto em França como na Suíça, entre as duas guerras mundiais, mas não houvera nenhuma menção a uma Isabelle de Florian, Cat tinha a certeza disso.

Mais tarde tivera uma pequena esperança de que a sua própria viagem a Paris pudesse também envolver alguma sugestão de qualquer coisa



igualmente maravilhosa. Em vez disso, o seu périplo pela Europa significara uma ronda por vários países enfiada num autocarro apinhado com quarenta colegas embriagados. Pelo final, Cat decidiu que seria melhor abandonar o romantismo ao passado.

Regressara a Nova Iorque e começara a trabalhar no estúdio fotográfico, e, há pouco menos de um ano, conhecera Christian. Agora, estava mais feliz do que alguma vez estivera na sua vida.

Em Paris eram mais seis horas do que em Nova Iorque. Só tinha de esperar duas horas e depois o escritório deste misterioso *monsieur* Lapointe deveria abrir.

Cat ia mostrar-se igualmente profissional: ligaria a *monsieur* Lapointe e resolveria a situação. Rapidamente.

## Capítulo

### DOIS



Pouco depois das nove da manhã, hora de Paris, Cat pegou no telefone e ligou para o escritório de *monsieur* Lapointe.

A rececionista foi perentória.

— *Monsieur* Lapointe só inicia dentro de uma hora. Eu dou-lhe a sua mensagem, *madame*.

Cat voltou a descair na cama. Prometera a Christian que ia passar aquela noite com a família dele, e agora sentia-se exausta. Era o aniversário de casamento dos pais e tinha sido convidada para a comemoração.

As quatro da manhã, hora de Nova Iorque, *monsieur* Lapointe ainda não lhe tinha ligado.

Cat teve de se conter para não pegar no telemóvel. Não era adequado parecer desesperada, mas não ia conseguir dormir enquanto não percebesse o que raio estava a acontecer, e, de preferência, que a coisa toda estivesse resolvida.

Voltou a ligar.

Desta vez, a mulher no outro lado do telefone passou-a diretamente para o *monsieur* Lapointe.

— *Madame* Jordan? — perguntou ele, colocando uma forte ênfase na última sílaba do seu nome.

— Ah, *bonjour, monsieur*.

— Quando pode vir para Paris?

Cat arfou.

— Bem, é possível discutir o assunto pelo telefone?

— Vou dizer-lhe tudo pessoalmente. É melhor.

Fez-se um silêncio.

— Eu, realmente, não posso ir agora a Paris. O meu trabalho... — O seu trabalho? Tirar retratos de nova-iorquinos abastados era tão criativo como preparar um banho. Mas estava fora de questão largar tudo e ir para Paris.

— *Madame*, por favor.

— Mas o custo da viagem, *monsieur*. — Embora... até pudesse pagar um voo barato para França. Tinha poupado todos os cêntimos que conseguira durante os últimos anos.

— Eu não posso ir ter consigo, *madame*.

— Não. — Ele tinha razão.

Cat deu algumas voltas à sala de estar.

— Então, está a dizer-me que não pode fazer isto por telefone nem por escrito?

— Exato, *madame*. As circunstâncias deste assunto são... invulgares... Terá de vir a Paris para as resolver. E, *madame*, eu preferia conhecê-la antes de avançarmos. Há formalidades, muitas formalidades. São muito importantes, como vai ver.

Cat sentou-se no lugar onde estava.

— Presumo... que me queira aí o mais cedo possível... — Agora soava como se quisesse ir. Pigarreou. — Quero dizer, vou ter de falar com o meu patrão, sabe. Não posso deixar tudo sem mais nem menos. — O que estava ela a dizer? Tinha meses de férias acumulados. Ela nunca ia a lado nenhum.

— Vou ficar aqui à sua espera. — *Monsieur* Lapointe deu-lhe instruções precisas de como chegar ao seu escritório. — Traga a chave, *madame* Jordan.

— É claro. — Cat respirou fundo. — Pode, ao menos, dizer-me o que é que esta Isabelle de Florian tinha que ver com a minha avó?

— Pode fazer a marcação com a minha assistente. *Au revoir, madame*.

Quatro horas mais tarde, Cat já tinha tentado, sem sucesso, dormir, mandado um *email* ao seu patrão a pedir uns dias de folga, recebido uma relutante mas positiva réplica pelo telemóvel enquanto, aparentemente, ele estava na sua corrida matinal, e marcado um voo para Paris no dia seguinte. Com a ajuda da assistente de *monsieur* Lapointe, encontrou um pequeno hotel perto da Ópera, numa transversal da rua onde se encontrava o escritório de advogados.

Porém, quando Cat desligou o telemóvel pela última vez e os primeiros

sinais de luz se vislumbravam pela abertura entre as cortinas, foi atingida pelo total impacto da situação. A avó fora uma mulher imprevisível. Cat não era nada como ela. Por que raio se deixara convencer a ir para França no dia seguinte?

O PEQUENO JANTAR DE ANIVERSÁRIO DOS PAIS DE CHRISTIAN REVELOU-SE, afinal, uma festa para cinquenta pessoas. Mesmo que Cat tivesse querido discutir a sua ridícula situação com Christian, tornou-se evidente, desde que saiu do elevador para o apinhado apartamento dos pais dele, que não teria oportunidade de estar sozinha com o namorado nessa noite.

De qualquer maneira, não conseguia prever como Christian ou qualquer outra pessoa na família dele se identificaria com aquela história. Todas as pessoas chiques naquela festa estariam a lixar-se para Virginia Brooke.

Quando Christian a apresentara a pessoas charmosas suficientes para encherem um salão de baile, para não mencionar os incontáveis primos que tinham vindo de Boston, era quase impossível recordar sequer a razão por que aquela pequena viagem a Paris com uma chave enferrujada e uma carta na mão tinha qualquer importância.

Pelas vinte e duas horas, Cat já se convencera de que, mesmo que tivesse arranjado uma oportunidade para falar da história de Virginia com Christian, não se teria dado a esse trabalho. Ele não se interessava por viagens e não compreenderia porque não tinha ela insistido com o advogado para lhe explicar tudo por *email*. Christian dizia com frequência que tudo o que se poderia desejar estava em Nova Iorque, e que, se se quisesse experimentar mais alguma coisa, o portátil servia. Os avós tinham uma casa confortável nos Hamptons onde passar as férias. Porque haveria de querer ir para outro lado qualquer?

Cat disse-lhe que ia a Paris em trabalho.

— Queres que te marque um voo em primeira classe? — perguntou Christian, com uma mão ao fundo das suas costas.

Estavam à espera do elevador. A mãe de Christian recolhera-se a um dos seus sofás cobertos de seda e descalçara um dos sapatos azul-pálidos. As únicas pessoas que restavam no apartamento eram da família mais próxima.

— Eu nunca viajei em primeira. Nem saberia o que fazer.

Era o tipo de reação automática que por vezes tinha com Christian e os amigos, apenas para desejar poder voltar atrás imediatamente depois de falar. Como devia parecer ingénua. No entanto, não era disso que ela gostava, o

viajar em primeira, o luxo. Não era isso que amava nele. Não sabia que era rico quando tinham começado a sair. Fora a sua gentileza que amara, os amigos que a tinham recebido no seu círculo.

— Não vais em turística, de certeza. Agora não, pois não, querida?

— Agora?

— Não.

— Já marquei. Vou em executiva, por isso está tudo bem. — Era uma pequena mentira inofensiva, mas a ideia de dizer a Christian que aproveitara uma oportunidade de última hora numa companhia *low-cost* que partia a uma hora horrível iria deixá-lo passado.

— A empresa paga — continuou Cat. — Eles insistiram. — A empresa? Qual empresa? Mas ver para além do seu próprio mundo era a coisa mais difícil para ele. Cat percebera isto mesmo depois de o conhecer melhor. Não havia nenhum ponto aonde chegar, e não valia sequer a pena pensar nisso. Não havia um constante questionamento da sua parte. Isto parecera a Cat um modo de ser fascinante, desde que o conhecera.

— Liga-me assim que aterrares, querida.

Cat enfiou-se no elevador. Quando Christian ficou fora de vista, descalçou os seus sapatos de salto alto dos anos cinquenta, só por um momento. Deixou os pés magoados absorverem a frescura do chão de mármore.

CAT ACORDOU CEDO NO SEU PRIMEIRO DIA EM PARIS. AS RUAS ESTAVAM cheias de vendedores de lojas a abrirem as portadas e a exclamarem ruidosos «*Bonjours!*» para o ar frio da manhã. Apressou-se a sair para as ruas estreitas. De vez em quando, parava para olhar, maravilhada, a fita de céu cor-de-rosa que passava entre os lindos edifícios antigos. O nascer do Sol sobre Paris.

Foi uma pequena *pâtisserie*, a poucas ruas de distância do Sena, que atraiu a sua atenção. Fileiras de requintadas criações de todas as cores e estilos eram exibidas, muito bem alinhadas, nas montras gigantes. Vários habitantes locais estavam sentados no interior a ler os seus jornais matutinos, e o cheiro a café a torrar transbordava para o passeio.

Tendo em conta que estava em Paris, um *croissant* com café pareceu-lhe uma ideia perfeita.

Às dez horas em ponto, depois de uma passagem pelo pequeno hotel para mudar de roupa, Cat estava à espera na frente do balcão de receção do escritório de *monsieur* Lapointe. As suas mãos não paravam de se enfiar na

mala, procurando a chave, agarrando-a. Era impossível saber o que deveria esperar.

Em qualquer caso, a situação tinha de ser resolvida rapidamente e com um mínimo de trabalho.

*Monsieur* Lapointe apareceu por uma porta interior precisamente dez minutos depois de Cat se sentar. Foi primeiro ao balcão da recepção e conversou um momento com a mulher ali sentada. Cat observou o seu impecável fato de três peças azul-marinho e os sapatos castanhos altamente polidos. Quando ele se virou para a encarar, não pôde deixar de reparar na flor vermelha na sua lapela e no imaculado lenço de seda no bolso da frente.

Porém, assim que *monsieur* Lapointe deu um passo em frente, tornou-se evidente que ele parecia mais ansioso do que elegante. Talvez alguém em casa tivesse insistido para que usasse uma flor e um lenço. Talvez não se sentisse à vontade com nada daquilo.

Cat levantou-se e seguiu-o para o corredor. Ele conduziu-a a uma sala com uma grande mesa antiga, onde uma mulher a quem apresentou como a sua assistente estava sentada na cadeira do meio.

*Monsieur* Lapointe endireitou uma resma de papéis sobre a mesa, arranjando as folhas de um branco imaculado num leque perfeito. Depois indicou a Cat uma cadeira na frente da sua. O som da cadeira dela a arrastar contra o chão duro pareceu incongruente na sala séria e silenciosa, e Cat sentiu-se enrubescer enquanto se sentava.

*Monsieur* Lapointe instalou-se na sua própria cadeira.

— *Madame* Jordan. Primeiro, preciso de ver o seu passaporte, para verificação.

Cat estava preparada para isto. Durante vários longos minutos, *monsieur* Lapointe virou páginas e preencheu uma pilha de intermináveis formulários brancos.

— As formalidades, *madame*. Isto é importante. Muito importante.

Cat sentiu uma mistura de vertigem causada pelo *jet lag* e uma sensibilidade intensificada. Apertou as mãos com força sobre o colo.

— Café, *madame* Jordan? — Foi a assistente do advogado que quebrou o silêncio, fazendo Cat dar um pulo no seu assento.

— Ah! Sim, muito obrigada.

A assistente saiu.

Ao fim de mais alguns minutos, *monsieur* Lapointe voltou a enroscar a tampa da caneta de tinta permanente. Cat teve todo o tempo do mundo para reparar que era a mesma tinta sépia que vira no pacote para Nova Iorque.

— Agora — disse ele. — Vamos esperar pela minha assistente e o café.

— Com certeza.

— Temos mais algumas formalidades, *madame* Jordan. É obrigatório, como deve compreender — disse ele, quando a assistente regressou a empurrar um carrinho com um elaborado serviço de café, composto por minúsculas chávenas verdes e um jarro de prata para o leite.

*Madame* serviu o café. *Monsieur* Lapointe começou a preencher mais um conjunto de documentos, desta vez passando cada folha sobre a mesa a Cat para ela assinar. Com cada impresso vinha uma explicação detalhada da sua parte.

— O seu imposto sucessório será de sessenta por cento sobre o valor total da propriedade — disse ele. — É uma taxa fixa para não-parentes em França. Vou ajudá-la com isto assim que tivermos feito a *attestation immobilière*. Não se preocupe com isso agora.

— Sim? — Tinha a cabeça a andar à roda com aqueles termos jurídicos franceses. Parecia que tinham passado horas, mas *monsieur* continuava nos seus modos metódicos.

*Madame*, ao que parecia, não tinha quaisquer escrúpulos em ver as horas.

— *Excuse-moi, monsieur?* — disse. — *C'est temps pour le déjeuner? Non?* — Não eram horas do almoço?

*Monsieur* Lapointe recostou-se no seu assento e pareceu ponderar com toda a seriedade se estava ou não na hora de ir almoçar.

— *Oui* — disse por fim. — Está na hora. Claro. *Madame* Jordan, voltamos a encontrar-nos dentro de três horas.

Três horas? Cat endireitou-se na sua cadeira. Não podiam encomendar umas sanduíches e comer em cinco minutos? Mas *monsieur* Lapointe puxou a cadeira para trás enquanto *madame* lhe passava um casaco: caxemira castanha, claro.

— Tem a certeza... disse três horas?

— Mas é claro. Nós tiramos tempo para comer como deve ser, em França. — E soltou mais qualquer coisa rápida e obviamente espirituosa em francês.

A assistente riu-se baixinho.

Cat ocupou-se com o seu cachecol.

— Então, muito bem — disse, quando pararam ambos à porta. — Encontramo-nos às três, neste caso.

— Está tudo excelente. — *Monsieur* Lapointe sorriu. Parecia agora mais descontraído. — Está tudo muito bem.

Sim, pensou Cat enquanto abria a pesada porta principal. Tenho todo o tempo do mundo.

Levou apenas um minuto para voltar ao hotel para ir buscar a sua máquina fotográfica. Enquanto vagueava pelos jardins das Tulherias na direção do Sena, tirou várias fotos de icônicos cenários parisienses, a Torre Eiffel ao canto de uma longa distância na ponta dos jardins, com o Orangerie no lado esquerdo, as pontes a atravessar o rio com a sua elegância intemporal.

Mas depois deu por si a passar para a margem esquerda. Eram as suas ruas minúsculas que a enfeitiçavam. Perdeu-se a vaguear pelas vielas labirínticas. Não conseguiu contar o número de fotografias que tirou das fabulosas lojas excêntricas, das fontes melancólicas nas esquinas das ruas. Estava encantada.

Duas horas passadas, Cat sentiu-se como se estivesse a flutuar, tão completamente imersa no que estava a fazer que o tempo passara simplesmente a voar. Era uma sensação que não experimentava há bastante tempo.

Restando-lhe apenas mais meia hora para gastar, voltou para trás e comprou uma baguete numa banca nas Tulherias. Comeu-a num dos bancos e ficou a ver as crianças a brincar com barcos à vela em miniatura nos laguinhos na sua frente.

— ESPERO QUE TENHA TIDO UM ALMOÇO AGRADÁVEL. — *MONSIEUR* Lapointe recebeu-a às três horas em ponto.

— Foi perfeito, por acaso. — Cat escondeu a máquina por baixo da mesa de mogno.

— *Maintenant* — disse —, chegamos ao momento da leitura do testamento.

Ainda parecia tão improvável que Isabelle de Florian tivesse deixado alguma coisa de grande valor a Virginia. Um armário, talvez? Alguma coisa de valor sentimental que queria que a amiga guardasse como recordação?

Mas havia aquela grande chave.

— *Madame* Jordan.

— Estou pronta.

— O testamento de *madame* De Florian foi escrito em mil novecentos e quarenta.

— O que foi que disse?



*Monsieur Lapointe* parecia estar a levar a cabo um feroz debate interno.

— *Alors* — disse, finalmente. — As nossas instruções são claras. Todos os seus bens foram-lhe legados. Creio que vai compreender.

— Mas Isabelle de Florian deixou tudo à minha avó quando tinha que idade?

— Estava na casa dos vinte, *madame*.

— Mas e os pais?

— Os pais de *madame* De Florian morreram ambos de... como se diz... da gripe espanhola, de acordo com os apontamentos do meu predecessor.

— Oh — sussurrou Cat. Uma imagem que sempre se esforçava por ocultar veio-lhe de chofre à mente: a dos seus próprios pais, jazendo lado a lado numa estrada, quatro anos antes, ao lado do pequeno carro que tinham acabado de comprar, agora um emaranhado de metal.

— As pessoas não tinham a certeza de conseguir sobreviver à invasão, *madame*. Creio que, se tiver isso em mente...

— Ela já tinha perdido os pais. Não tinha como saber se ia ou não sobreviver. — A voz de Cat era suave.

— Certo. Estamos prontos para ler o testamento? — *Monsieur Lapointe* olhou de relance para a assistente. — Não necessita de nada, *madame* Jordan? Café?

— Não, obrigada. — Cat sentiu um baque de simpatia por esta Isabelle de Florian. Estar sozinha sem família em Nova Iorque era duro para Cat, mas de certeza que Isabelle de Florian teria encontrado o amor, construído uma família, depois disso? O que teria acontecido, então, aos seus descendentes? Ou teria a pobre mulher vivido sozinha durante toda a sua vida?

Alguma coisa pareceu alterar-se na sala quando *monsieur Lapointe* pegou no testamento.

Por um momento, fez uma pausa e olhou para Cat.

— As amizades formadas durante os anos de guerra, ou até nos anos entre as guerras, eram, muitas vezes, intensas. A geração anterior tinha sido... perdida, por isso... é impossível, para nós, compreender.

— Não acha que elas eram...? — Cat conteve a respiração. — Quero dizer, tem alguma prova de que Isabelle e Virginia fossem amantes?

— *Madame*. Realmente. Não me encontro em posição de o dizer. — Ele revirou os olhos para o teto.

Cat voltou a descair na sua cadeira.

— Peço desculpa — disse. — É irrelevante. Mas parece-me tão triste.

Quero dizer, a única pessoa que ela tinha a quem deixar tudo era a minha avó, mesmo ao fim de todo este tempo?

*Monsieur* Lapointe uniu os dedos numa pequena forma de tenda sobre a mesa.

— *Madame*, eu fiz... como é que vocês dizem... todas as minhas diligências. Contactei a Mairie de Saint-Revel, a aldeia onde Isabelle de Florian passou os seus últimos anos, na Provença, para verificar se não havia parentes vivos. Esperei seis semanas. Não descobri nada.

Cat suspirou.

— Vou começar.